

REDES SOCIAIS, IDENTIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Elisa Battisti

INTRODUÇÃO

Estudos de comunidades em pequena escala, como as análises de rede social, “são capazes de fornecer informação mais detalhada sobre o uso que os falantes fazem da variabilidade linguística”, em especial no que se refere “às partes menos formais do repertório linguístico” (MILROY, 1980, p.21). A concentração das relações sociais nas redes, em um dado território, concorre para o desenvolvimento do sentimento de pertença da identidade local, construída através da relativa homogeneidade de comportamento – no vestir, no falar, no divertir-se, no alimentar-se, nos valores praticados, entre outros – como assume o estudo da variação na linha das práticas sociais (ECKERT, 2000). Este trabalho, sobre “Redes sociais, identidade e variação linguística”, traz alguns fundamentos teóricos e uma análise variacionista na rede social, no intuito de explicitar os procedimentos metodológicos necessários a esse tipo de investigação.

Labov (2010), ao discutir os fatores sociais que, em seu conjunto, dirigem o processo de mudança linguística e moldam a história da divergência dialetal, afirma que rede social e comunidades de prática são duas das forças motrizes da variação e mudança. Unidades sociais menores do que a classe, essas forças dão relevo ao indivíduo no processo de mudança. O autor afirma que redes de maior complexidade e densidade preservam falares contra os efeitos do nivelamento dialetal, e que os líderes da mudança são os membros da rede com o

maior número de contatos dentro e fora dela. Sobre as comunidades de prática, esclarece que a variação é usada para evocar diferentes identidades e, na negociação dos indivíduos por *status*, as formas linguísticas adquirem valor social, o que pode incrementar ou fazer regredir a mudança. Reconhecida a pertinência de investigar redes e práticas sociais no estudo da variação linguística, resta aos sociolinguistas o desafio de dar conta dessas forças, associando as medidas quantitativas da análise de regra variável (LABOV, 1972) a outras técnicas de investigação, assentadas em claros fundamentos teóricos.

1. IDENTIDADE

Apesar de as identidades serem experimentadas, vivenciadas pelos sujeitos e, nas investigações, serem consideradas pelo exame das práticas sociais individuais, elas são em parte construtos sociais. Como explica Bonnewitz (2003), viver em sociedade implica socialização, isto é, aprendizagem de normas, valores e crenças de coletividades que pautam suas práticas, suas ações e comportamentos. Na perspectiva de Bourdieu (1977), socializar-se é realizar essa aprendizagem interiorizando normas, valores e crenças, como um sistema de disposições estruturantes duradouras, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que regulam tacitamente a ação cotidiana (*ethos*) e as posturas corporais (*hexis*). Em outras palavras, socializar-se é adquirir o *habitus*. Com essa aquisição, os sujeitos tornam-se seres sociais e suas identidades individuais vão sendo definidas:

O habitus está na base daquilo que, no sentido corrente, define a personalidade de um indivíduo. Nós mesmos temos a impressão de termos nascido com essas disposições, com esse tipo de sensibilidade, com essa maneira de agir e reagir, com esses modos e com esse estilo. Na verdade, gostar mais de cerveja do que de vinho, de filmes de ação do que de filmes políticos, votar mais na direita do que na esquerda são produtos do habitus. Do mesmo modo, andar com o tronco erguido ou curvado, ser desajeitado ou ter facilidade nas relações interpessoais são manifestações da hexis corporal. [...] considerar determinado indivíduo como pequeno, mesquinho, ou, pelo contrário, generoso, brilhante, depende do ethos. (BONNEWITZ, 2003, p.78)

É importante esclarecer que o *habitus* é um sistema de disposições, não de determinações estruturantes. Pela socialização, adquirimos tendências a agir, a nos comportarmos e pensarmos de dadas formas, mas não ficamos fadados a isso. Vale dizer, então, que, embora tácitos, o *habitus* e nossas identidades estão sujeitos a mudanças e ajustes derivados de novas formas de participação em comunidades ao longo da

vida. É assim que, segundo Wenger (1998), a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais. Nossas identidades são fruto de nossa filiação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas. Nas palavras de Bonnewitz (2003, p.91), os comportamentos e ações sociais que nos parecem mais naturais são “apenas o produto de múltiplas aquisições sociais: a personalidade individual é apenas uma variante de uma personalidade social constituída na e pela filiação a uma classe social”.

Na mesma linha, Wenger (1998) esclarece que nossas identidades não são apreendidas somente pelas nossas práticas sociais, são também relativas à nossa posição e à posição de nossas comunidades na estrutura social mais ampla. Em termos analíticos, então, isso torna desnecessário escolher entre a comunidade ou a pessoa como unidade de análise. “O foco deve estar no processo de sua constituição mútua”, defende a autora (WENGER, 1998, p.146).

Nessa perspectiva, a das práticas sociais (WENGER, 1998), identidade é então, (i) vivida: não é uma categoria, traço de personalidade, papel ou rótulo, é uma experiência que envolve participação e reificação; (ii) negociada: é um permanente vir a ser, não é definida apenas em um período específico da vida; (iii) social: é fruto da pertença a grupos; (iv) processo de aprendizagem: é uma trajetória no tempo que incorpora o presente, o passado e o futuro; (v) nexos: combina múltiplas formas de participação; (vi) local-global: não se constrói apenas pelas práticas imediatas ou se regula somente pelas estruturas sociais mais amplas, é uma interface de ambas.

No estudo de variação linguística como prática social de Eckert (2000), essa foi a perspectiva de identidade seguida. As identidades dos membros das comunidades de prática investigadas numa escola em Detroit (EUA), Jocks e Burnouts, foram analisadas relativamente à pertença ao grupo, às formas de participação dos membros e às práticas por eles realizadas. Os grupos, por sua vez, foram percebidos em relação às classes sociais dos pais dos alunos e seu estatuto no cenário escolar. Para tanto, a autora empregou a técnica etnográfica da observação participante e fez análise de rede social, além da análise quantitativa dos dados. Essa é a ideia que fica do trabalho de Eckert (2000), integrar técnicas de análise que aproximem o pesquisador da comunidade investigada, sem abrir mão dos procedimentos (quantitativos), tradicionalmente empregados na pesquisa variacionista.

Entretanto, apesar da validade dos resultados obtidos por Eckert (2000), as técnicas de pesquisa, principalmente a etnografia com observação participante, podem demandar muito tempo do investigador e assim, serem custosas do ponto de vista pessoal e financeiro, o que talvez inviabilize projetos de pesquisa de orçamento e cronograma limitados. A sugestão que fica é a de, na medida do possível, manter a essência do estudo de variação linguística em que práticas sociais e

identidade têm papel. Isso pode significar reduzir o tempo de observação, mas não deixar de fazê-la. Sugere-se usar o ingresso na comunidade, necessário para a realização das entrevistas sociolinguísticas, também como momento de observação participante; seguir roteiros de entrevista que, ao abordar temas do cotidiano, levem os informantes a discorrer sobre a comunidade, sua participação em grupos, suas práticas sociais diárias; dependendo dos resultados da análise quantitativa para os grupos de fatores sociais, identificar estratos sociais que mereçam investigação posterior, como comunidade de prática. Por exemplo, sendo o fator gênero feminino o condicionador de um processo variável e as informantes integrantes do clube de mães, realiza-se observação participante por algum tempo no clube.

Para a análise de rede, o ideal é identificar as conexões entre os membros dos grupos, também com observação participante, como fez Eckert (2000). Se isso mostrar-se inviável, sugere-se que a rede se forme quando, da realização das entrevistas sociolinguísticas, um informante indica outro com o perfil requisitado pelo pesquisador. À medida que a rede se forma, o quadro dos sujeitos já entrevistados vai sendo apresentado aos informantes subsequentes, que dizem se conhecem ou não os anteriores, e qual é sua forma de relacionamento. Esses procedimentos têm respaldo teórico na própria noção de rede social, como veremos a seguir.

2. REDE SOCIAL

Milroy e Milroy (1992) afirmam que, ao engajarem-se em grupos, as pessoas criam uma estrutura significativa para a resolução dos problemas que surgem em seu cotidiano. Como bem observa Eckert (2000, p.34), “os problemas diários mudam, assim como as pessoas”. Embora possam relacionar-se localmente com mais intensidade, conhecendo quase todos os membros de uma comunidade e esses, conhecendo-se também, os indivíduos movimentam-se, engajam-se em diferentes empreendimentos e em variadas comunidades, nas quais processos simbólicos e relações identitárias diversas têm lugar. Há ligação entre redes e práticas sociais na variação e mudança linguística.

No prefácio à segunda edição do trabalho pioneiro de Milroy (1980) sobre redes sociais e variação linguística, “Language and Social Networks” (Língua e Redes Sociais), Peter Trudgill observa que a proposta articula um estudo laboviano em dialetologia social a um estudo socioantropológico e psicossocial da língua, na esteira de Gumperz.

Estudos de rede social não são método exclusivo à análise linguística. Nas Ciências Sociais, as redes têm sido analisadas desde a década de 1970. Em Castells (1999), as redes são representações da morfologia de organização social da sociedade contemporânea, especialmente das redes informacionais. Trata-se

de uma categoria de pesquisa mais flexível, menos comprometida com as generalizações universais, mais próxima à dimensão do cotidiano.

Consideradas como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade, as redes apresentam diferenças em sua configuração estrutural em duas dimensões, a da *densidade* e a da *plexidade* (do inglês *density* e *plexity*, respectivamente). Conforme Evans (2004), a densidade (estrutura da rede) refere-se aos contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior sua densidade. Já plexidade (conteúdo da rede) à multiplicidade de conexões dos membros. Por exemplo, pode ter membros que sejam vizinhos (rede uniplexa), ou também colegas de escola (rede multiplexa).

As redes sociais são ancoradas nos indivíduos. Li Wei (1996) afirma que, por essa razão, geralmente interessam as análises das redes, cujos laços estabelecem-se entre pessoas que interagem diretamente, o que limita a um número entre 20 e 50 o total de participantes da rede analisada. Ainda, distinguem-se laços fortes dos fracos: opõem-se, respectivamente, laços “que conectam amigos e parentes, àqueles que conectam conhecidos” (MILROY, 2002, p.550).

Conforme Evans (2004), as redes sociais podem ser vistas tanto como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos ou como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. A primeira visão é a mais frequentemente adotada por sociolinguistas, entre eles Milroy (1980).

Milroy (1980) faz uma análise do vernáculo, ou modalidade não padrão da língua¹. A autora estudou três bairros de classe trabalhadora (*working-class neighborhoods*) de Belfast em seus padrões variáveis de realização vocálica, predominantemente. A quantificação da variação, correlacionada à rede social dos informantes, revelou que o emprego majoritário de alternantes vernaculares reflete os padrões de interação social entre as comunidades em redes densas, multiplexas. Esses padrões não poderiam ser explicados por gênero, idade e classe social, dada a homogeneidade das comunidades em rede. A autora complementa: “diferentemente das classes sociais mais abstratas, esses grupos sempre têm uma forte base territorial” (MILROY, 1980, p.14). Os bairros de classe trabalhadora investigados por Milroy são habitados por pessoas que, em função de limitadas condições socioeconômicas, não apresentam grande mobilidade territorial. Interagem socialmente no próprio bairro o que contribui para desenvolverem um forte sentimento de pertença a ele, como se fossem os proprietários daquela área da cidade. A esse sentimento de pertença ao bairro, e o valor social (positivo) a ele atribuído Milroy denomina *localismo*. Na interação local, os contatos de uma

1 Denominação corrente nos estudos filiados à Sociolinguística Variacionista laboviana para as modalidades de fala menos formais, em que se verificam relativos desvios à norma gramatical ou às variedades mais prestigiadas socialmente.

pessoa conhecerão uns aos outros, integrando uma rede social densa, e quase sempre multiplexa, o que sustenta e explica a emergência das variantes vernaculares. Já nas grandes cidades, afirma Milroy (1980), as redes sociais dos indivíduos de alto *status* social (por suas condições econômicas) são mais “abertas”, no sentido de que eles se movem para além das fronteiras de seu território, não conhecendo uns aos outros. As relações entre esses indivíduos são regidas por uma supranorma, representada linguisticamente pela modalidade-padrão da língua, menos permeável às mudanças vernaculares.

Milroy (1980, p.16-17) afirma que o conhecimento dos padrões e conflitos (identitários) das comunidades “são extremamente úteis a um investigador da língua”, uma vez que lhe “permite dar conta das diferenças sistemáticas no uso da linguagem entre indivíduos e entre subgrupos”. Vem daí a ideia de que, em termos analíticos, a medida da densidade e da plexidade da rede venha acompanhada de algum procedimento que capte conflitos e padrões identitários dos grupos pesquisados.

Nas pesquisas que vínhamos realizando, além de associar a análise quantitativa ao estudo de rede social, procedimentos etnográficos, como momentos de observação participante, são empregados para identificar práticas sociais sistematicamente relacionadas às questões culturais. O conteúdo das entrevistas sociolinguísticas é analisado em categorias como: trabalho, religião, transporte, lazer, entre outras, que emergem da fala dos informantes, contribuem para interpretar diferenças estruturais na rede social e diferenças linguísticas entre seus membros. É o que ilustraremos com a retomada da análise de Battisti, Dornelles Filho e Lucas (2009), a seguir.

3. A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES EM ANTÔNIO PRADO (RS)

A palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro (*tia~tʃia*, *dia~dzia*, *mate~matʃ*, *cidade~cidadʒ*), regra variável desencadeada pelo segmento vocálico anterior alto, derivado ou não, seguinte à consoante, é entendida como processo que se difunde a partir dos centros urbanos (NOLL, 2008). No Rio Grande do Sul, esse é o padrão que se tem verificado (BATTISTI; GUZZO, 2009): alta frequência de aplicação em Porto Alegre (em torno de 90%), frequência moderada em municípios do interior.

Em Antônio Prado, pequeno município gaúcho fundado por imigrantes italianos no final do século XIX, Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007a, 2007b, 2008) verificaram frequência de 30% de palatalização. Levantados 26.600 contextos de

palatalização de 48 entrevistas sociolinguísticas do BDSer², de informantes dos dois gêneros, quatro grupos etários (15 a 29, 30 a 49, 50 a 69, 70 ou mais anos de idade), habitantes das zonas urbana e rural de Antônio Prado, os pesquisadores constataram que a regra é condicionada, em termos linguísticos, por vogal fonológica ou não derivada /i/ e consoante-alvo da regra desvozeada /t/; em termos sociais, por jovens e habitantes de zona urbana. Considerando-se os resultados da variável idade, poder-se-ia pensar que a mudança estivesse em progresso na comunidade. Porém, comparados os grupos etários, obtém-se um padrão característico às mudanças que se completam. Surge daí a questão: por que a palatalização, apesar de condicionada pelos jovens, mostra sinais de estabilizar-se na comunidade em índices modestos?

3.1. Palatalização em Antônio Prado: a variável idade

A palatalização é moderada em Antônio Prado, aplica-se com uma frequência de 30%. O condicionamento social é bastante forte, desempenhado por jovens e habitantes de zona urbana. À primeira vista, levando-se em conta apenas o comportamento dos grupos etários controlados na variável idade, seria possível afirmar que o processo estaria progredindo na comunidade: a frequência de palatalização aumenta à medida que a idade decresce, como se vê na Figura 1:

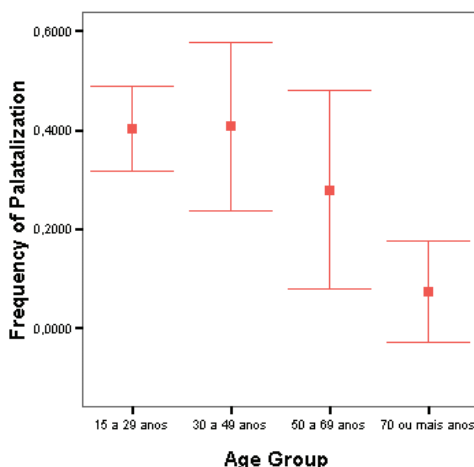


Figura 1 – Frequência de palatalização por grupo etário³ (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS; BOVO, 2008)

2 Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, do Centro de Ciências Humanas e Comunicação/ Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul.

3 As barras indicam o intervalo de confiança (IC 95%) para a frequência populacional.

Porém, comparados os grupos etários, forma-se uma linha ascendente (aumento da frequência de palatalização do grupo etário mais idoso para os dois imediatamente precedentes) com um platô no final, decorrente da manutenção da taxa de palatalização do segundo grupo etário para o primeiro, o dos mais jovens. Essa curva em S reflete, nas palavras de Labov (1994, p.65), “... a observação geral de que as mudanças sonoras iniciam-se em uma taxa baixa, progredem rapidamente no seu decorrer e abrandam-se em seus estágios finais.”

O que esse padrão representa para a palatalização em Antônio Prado? Ele não permite afirmar que a mudança esteja em progresso na comunidade. O platô se forma em frequências médias de aplicação. Assim, Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007a,b, 2008) têm sustentado que, na comunidade, a palatalização tende a estabilizar-se em índices moderados. Como explicar a estabilização? Com a análise de rede, busca-se investigar os inovadores (palatalizadores), que são os indivíduos dos grupos etários mais jovens: posição que ocupam, se periférica ou central, e a qualidade dos laços que ligam os inovadores aos demais membros da rede. O foco baseia-se em Milroy e Milroy (1985), que tratam a difusão da inovação como um aspecto relacionado ao clássico problema da implementação da mudança linguística⁴. A análise da posição e dos laços dos inovadores na rede parte do pressuposto, igualmente inspirado naqueles autores, de que a inovação, adotada inicialmente por membros periféricos (e de laços mais fracos), difunde-se na rede quando os membros centrais (e com laços mais fortes), a adotam. Nossa hipótese é a de que os jovens são membros periféricos na rede, com um maior número de laços, sendo estes mais fracos, unindo-os aos outros integrantes, razão pela qual, apesar de introduzirem a regra e condicionarem a palatalização, o processo não se difunde, estabiliza-se na comunidade em índices modestos. Os idosos são membros centrais na rede, com maior número de laços, sendo estes mais fortes, que reforçam o falar local, sem palatalização. É o que se testa na análise.

3.2. A rede social e a estabilização da palatalização variável em Antônio Prado

Em Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007a, 2008), a análise da rede social foi realizada concomitantemente a uma análise de regra variável nos

4 O problema da implementação é uma das cinco áreas de investigação sobre mudança linguística propostas por Weinreich, Labov e Herzog no texto fundador de 1968, *Empirical foundations for a theory of language change* (Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística). A questão em torno de que o problema da implementação gira é: por que mudanças num traço estrutural ocorrem numa língua particular num dado período de tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros períodos de tempo?

moldes labovianos. Isso quer dizer que os 48 membros da rede social analisada foram também os 48 informantes, cujas entrevistas foram levantadas os 26.600 contextos de palatalização considerados na análise de regra variável.

A rede social dos informantes foi formada a partir da realização das próprias entrevistas sociolinguísticas, quando um informante indicava outro com as características sociais de interesse⁵. Quando não foi possível obter essa indicação, os pesquisadores, através de seus contatos na comunidade, entrevistaram pradenenses com o perfil exigido, a eles perguntando, subsequentemente, se conheciam os demais informantes já entrevistados e que espécie de relacionamento mantinham com cada um.

A rede social foi modelada por um grafo (BOAVENTURA NETTO, 1996; FRUCHTERMAN e REINGOLD, 1991; MATHEWS, 1992; GERHARDT, CORSO e LEMKE, 2005), em que cada informante é um vértice e cada relação de interação é uma aresta. Efetuou-se um estudo do problema de posicionamento dos vértices de modo que o desenho resultante tivesse bons atributos estéticos e de visibilidade computacionalmente elaborados, usando-se uma adaptação do algoritmo de Fruchterman e Reingold (1991) e o método de minimização do gradiente. Cruzaram-se com análise de correlação a frequência de aplicação individual das realizações variáveis, com a aplicação média dos contatos do informante na rede e com características sociais que se mostraram relevantes na análise de regra variável.

Os membros da rede se conhecem e relacionam-se, mas em graus diversos de intimidade. Assim, a rede social dos informantes de Antônio Prado foi analisada em ambas as dimensões, a da densidade e a da plexidade.

Na análise da plexidade, levaram-se em conta graus de relacionamento interindividual ou intimidade/frequência dos contatos. A hipótese seguida foi a de que laços mais íntimos entre os indivíduos implicariam um maior grau de interação pela fala, e isso potencializaria a influência do comportamento linguístico de um indivíduo sobre o do outro. Na reflexão que se empreende aqui, conforme Milroy e Milroy (1985), exercita-se a ideia de que laços mais íntimos sejam laços fortes, menos suscetíveis a mudanças, mais reforçadores do falar de um grupo.

Os graus de intimidade de relacionamento foram inspirados em Blake e Josey (2003), mas adaptados às características da localidade de Antônio Prado, de acordo com as práticas sociais/culturais informadas nas próprias

5 O BDSer selecionou os informantes em cada município conforme os critérios: gênero (masculino, feminino), idade (18 a 30 anos; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos; 71 ou mais anos), escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos; 12 ou mais anos) e local de residência (zona urbana e zona rural).

entrevistas, como também com dados das fichas sociais dos informantes. Os laços familiares e de colegas de trabalho são os relacionamentos mais importantes em Antônio Prado, pela sua intimidade e frequência de interação. No entanto, nem todo o laço desse tipo é igual. No ambiente de trabalho, por exemplo, distinguem-se os que supõem intimidade e interação diária, que não implicam tal frequência e modo de interação. O mesmo se aplica aos laços de amizade, de vizinhança, de colaboração em associações e aos estabelecidos entre parentes, quando, conforme os depoimentos dos próprios entrevistados, distinguem-se parentes próximos de parentes distantes. O Quadro 1 traz os graus considerados na análise: 1, 2 e 3, do mais aos menos íntimos/frequentes, de acordo com padrões locais:

1. Primeiro grau

1A – Marido/mulher

1B – Pais/filhos

1C – Colega de trabalho com interação

2. Segundo grau

2A – Tios/sobrinhos/primos/cunhados

2B – Amigos íntimos

2C – Vizinho íntimo

2D – Colega de associação com interação

3. Terceiro grau

3A – Amigo não-íntimo

3B – Vizinho não-íntimo

3C – Colega de trabalho sem interação

3D – Colega de associação sem interação

3E – Tios/sobrinhos/primos/cunhados sem interação

Quadro 1 – Graus de relacionamento em rede em Antônio Prado (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS; BOVO, 2007a).

A rede social com todos os informantes de Antônio Prado está na Figura 2. Cada um é representado por um retângulo com sua própria frequência de palatalização. Linhas contínuas ligam informantes que possuem um relacionamento de primeiro grau, linhas tracejadas ligam os que têm um relacionamento de segundo grau e linhas pontilhadas ligam os que têm um relacionamento de terceiro grau.

Rede AP: Frequência de palatalização

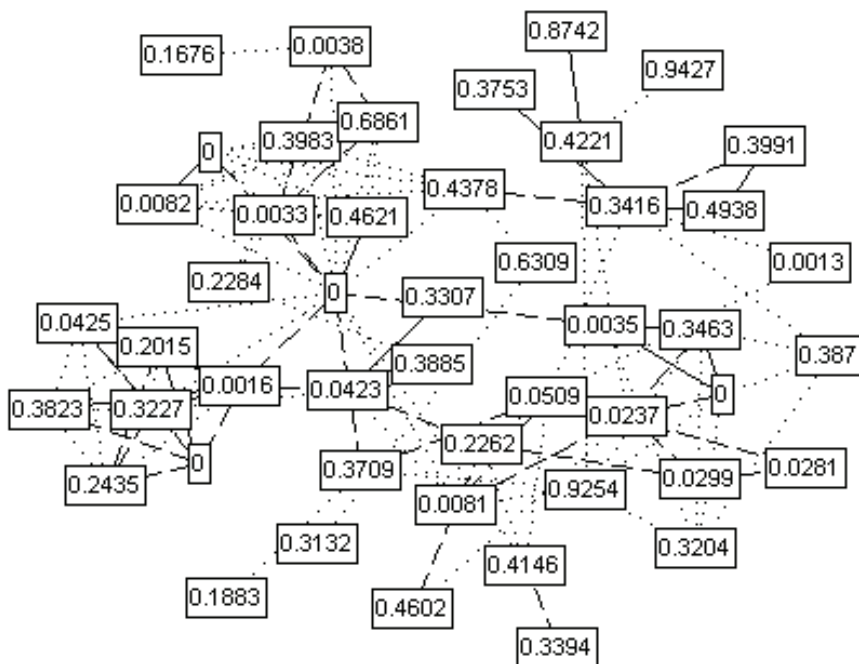


Figura 2 – Rede social dos informantes de Antônio Prado com frequência individual de palatalização (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS; BOVO, 2008).

O conhecimento mútuo é predominante na rede, razão pela qual é considerada densa. Nela integram-se informantes das zonas urbana e rural, como se vê na Figura 3 (por U lê-se zona urbana e por R, zona rural):

Rede AP: Local de residência

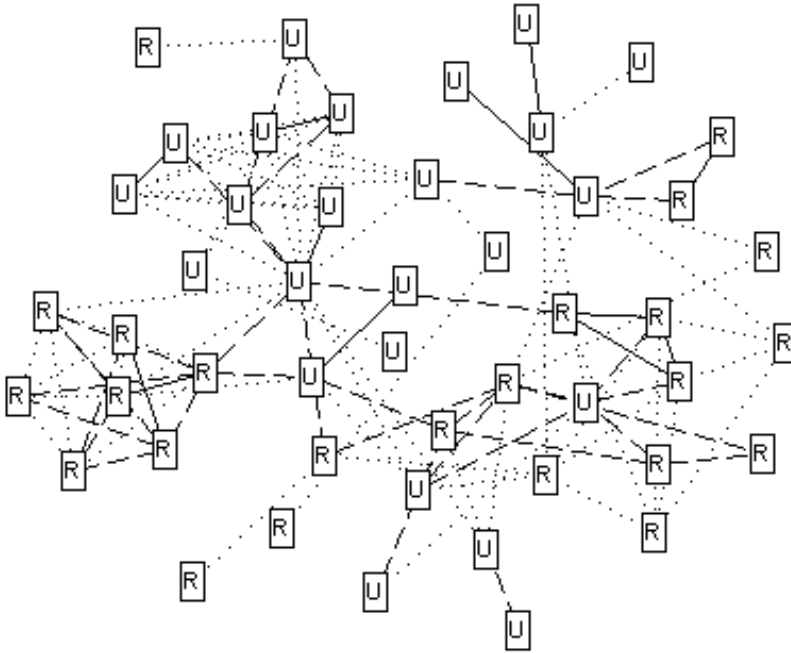


Figura 3 – Rede social dos informantes de Antônio Prado com local de residência.

Embora a rede apresente agrupamentos (ou *clusters*, em inglês) predominantemente urbanos ou rurais, neles há sempre algum membro ligado à outra área.

Quanto à plexidade, constata-se que a quantidade de laços de grau 1 e 2 (mais íntimos ou fortes) é proporcionalmente maior na zona rural do que na zona urbana, embora a diferença não seja estatisticamente significativa. Os laços ligeiramente mais fortes na zona rural fortaleceriam o vernáculo local, o que poderia explicar o caráter desfavorecedor da área à aplicação da regra de palatalização.

E que posição ocupam os inovadores (jovens) na rede, independentemente da zona que habitam? São eles periféricos? Veja-se a Figura 4. Nela, os números de 1 a 4 representam os grupos etários controlados: 1 é o grupo que reúne informantes de 15 a 29 anos; 2, de 30 a 49 anos; 3, de 50 a 69 anos; 4, de 70 ou mais anos. Informantes que se situam no núcleo de agrupamentos são centrais, possuem um maior número de contatos; opostamente, informantes com um menor número de contatos são periféricos.

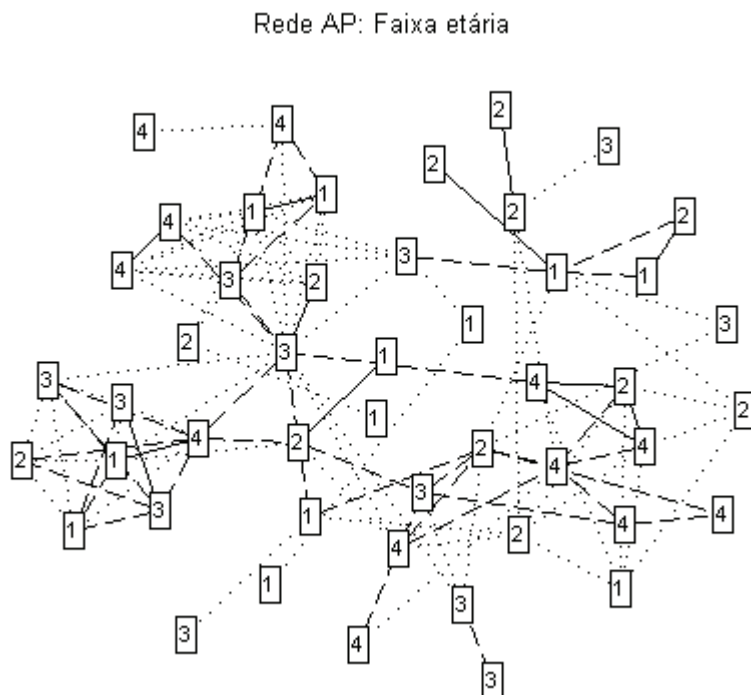


Figura 4 – Rede social dos informantes de Antônio Prado com grupos etários.

Considerando-se os informantes do grupo etário 1, não se pode afirmar que sejam periféricos, tampouco centrais. O número de contatos desses informantes com os demais membros da rede varia de 1 a 9, sendo essa medida similar aos dos informantes dos outros grupos etários. Há, no entanto, um padrão peculiar entre os grupos 1 e 2, que nos permite construir algumas generalizações. Observe-se a Tabela 1. Ela traz a contagem do número de contatos dos informantes por grupo etário e grau de relacionamento.

| | | Graus de relacionamento | |
|----------------|--------------|-------------------------|------------|
| | | Graus 1 e 2 | Grau 3 |
| Grupos etários | Grupos 1 e 2 | 42 (42%) | 65 (52%) |
| | Grupos 3 e 4 | 58 (58%) | 61 (48%) |
| TOTAL | | 100 (100%) | 126 (100%) |

Tabela 1 – Número de contatos na rede por grupo etário e grau de relacionamento.

Os grupos etários 1 e 2, juntos, possuem menos contatos de grau 1 e 2 (fortes), mais contatos de grau 3 (fracos), contrariamente aos grupos etários 3 e 4. A diferença não é grande e estatisticamente não significativa (teste de independência: qui-quadrado = 2,056, $p = 0,152$), mas nos permite pensar que a qualidade dos laços dos informantes dos grupos mais jovens seja mais fraca do que as dos informantes dos grupos mais idosos, razão pela qual eles e os seus contatos estão mais sujeitos às mudanças, a palatalizar, no que tange ao presente estudo.

Os resultados da análise não confirmam nossa hipótese. Quanto à posição que ocupam na rede, os inovadores, informantes jovens de Antônio Prado, não são periféricos. Quanto à qualidade de seus laços, verifica-se o predomínio dos fracos, embora estatisticamente não significativo. Antes do que frustrar nossas expectativas, talvez a análise tenha nos revelado a real motivação para a estabilização da regra na comunidade. Não sendo periféricos, os inovadores têm maior potencial difusor da regra na rede; no entanto, a qualidade dos laços que os conectam aos demais membros é fraca, o que refreia a difusão, dando origem à moderada palatalização.

Pelo que se verificou então, a plexidade (qualidade ou conteúdo dos laços) tem impactos no progresso da regra. A plexidade relaciona-se às práticas sociais realizadas pelos membros. Que práticas sociais são essas?

3.3. RCI-RS e identidade: a palatalização entre o local e o global

A variante palatalizada é inovadora em comunidades da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul, como Antônio Prado e Flores da Cunha. Na realização das entrevistas sociolinguísticas e em atividades de observação participante, não se percebeu qualquer associação da variante palatalizada com valores positivos como bonito, moderno, correto. Tampouco negativos. O que se percebeu foi uma identificação dessa variante com o “de fora”, com o que não é local. Em nossa interação com os informantes, foi nítido seu esforço de, num primeiro momento, produzir algumas formas palatalizadas, muitas das quais abandonadas ao longo da conversa. Outros, principalmente os mais velhos, não palatalizavam. Mas sugeriam, ou até afirmavam claramente, que “aqui não se fala assim”, mesmo que, inconscientemente, tivessem palatalizado vez ou outra. Isso mostra que essa variante, saliente na região, pode ser usada como um recurso identitário, para aproximar os falantes dos forasteiros ou, fora dos limites da comunidade, no âmbito aqui denominado global, para encobrir sua identidade.

Essa utilização das variantes como recursos linguísticos fora do local ocorrerá se houver mobilidade territorial. Os indivíduos fora da comunidade estão

sujeitos à exposição a outros padrões de fala, cujas características podem ser incorporadas à sua. No que se refere a Antônio Prado, Flores da Cunha e municípios vizinhos de mesma origem étnica, a italiana, o global e o local necessitam ser entendidos relativamente à antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. As fronteiras de boa parte dos municípios dessa região são constantemente redesenhadas pelas relações (econômico-culturais) que estabelecem com municípios vizinhos maiores, destacando-se aí Caxias do Sul, e com outras localidades. Essas repercutem diretamente nas práticas sociais individuais. Por exemplo, para estudar, os habitantes mais jovens deslocam-se diariamente a outras comunidades. Por outro lado, mesmo com os setores do comércio e da indústria relativamente bem desenvolvidos, uma parcela da população dedica-se às práticas agropecuárias que mantêm os indivíduos na zona rural dos municípios. Esse conjunto de práticas socioeconômicas tem sido relacionado à vocação para o trabalho e ao empreendedorismo dos imigrantes italianos, traços celebrados em festas comunitárias como a Noite Italiana (Antônio Prado), a Festa da Vindima (Flores da Cunha) e a Festa da Uva (Caxias do Sul). Estruturas sociais tradicionais, como a familiar, ainda orientam as práticas individuais, o que se verifica na rede social. Embora os informantes estabeleçam relações supraterritoriais em algumas de suas práticas, convivem na comunidade conforme os velhos padrões da família patriarcal, o que denota, em termos de identidade, uma orientação para o local e acaba restando a expansão maciça de elementos globais sobre os traços locais. Em termos linguísticos, isso corresponde a uma situação de aparente transitoriedade: há variação, mas moderada. Além desses aspectos, é preciso considerar que a antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul, situada na América Latina e no Brasil, já nasceu de processos históricos globalizadores (MENZ, 2009; KÜHN, 2007; GIRON, 1992), a que se devem as dificuldades de criação de um sentimento e de uma ideologia que pudessem ser rotulados nacionais (OLIVEN, 1992; SEYFERTH, 2000). Ideologicamente, quando a antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul começou a apresentar índices significativos de crescimento e desenvolvimento, já na segunda metade do século XX, a antiga tradição italiana foi reconstruída. Como consequência, a incorporação globalizadora não tem sido tão rápida. O local é relativamente desenvolvido, apegado ao passado e às tradições da colonização. Isso reforça valores ligados ao mundo do trabalho, da religião, da família e fornece recursos, entre eles os linguísticos, para a afirmação da uma identidade local. É o que faz emergir padrões moderados de mudança nos comportamentos sociais e nos usos linguísticos na antiga região, restando a expansão da palatalização variável da capital a essa região do interior, o que afeta os jovens em suas práticas sociais diárias.

3.4. Os jovens e a palatalização variável na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul

À primeira vista, os jovens da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul não diferem de qualquer outro jovem brasileiro. Considerando o estado do Rio Grande do Sul em termos de vestimentas, por exemplo, assemelham-se à maioria dos jovens gaúchos. Mas a observação mais sistemática de suas práticas sociais e a consideração aos assuntos de que falam, às questões sobre que debatem, revelam um localismo peculiar. Esse localismo, em parte, explica as vinculações de suas práticas com as tradições da imigração italiana, noutra parte, a necessidade/desejo de inovar e rever essas vinculações.

Talvez reforçada pelas festas locais e pelo turismo, que celebra e comercializa as raízes italianas, há uma consciência étnica que serve de explicação, para o próprio jovem, da razão de realizar certas práticas, como se pode captar de uma afirmação assim:

(...) a maioria (dos jovens) aqui da cidade tem descendência italiana. (Tu) sabe que descendência italiana sempre tem a matriarca e o patriarca. Eu acho que a maioria sai, assim, bastante “família” e sempre tem que jantar junto com o pai e com a mãe, salvo exceções. (...) Chega essa idade assim e “ah, tenho que casar, tenho que ter minha família”. (FC; M. de O., 24 anos, masculino, zona urbana)

A vida em família não parece ser algo que o jovem gostaria de evitar, tampouco um real desejo seu, mas algo que acontece com ele. O jovem nem se rebela contra a família, nem adere incondicionalmente a ela, o que pode estar na base das graduais e pequenas mudanças diárias por ele promovidas, embora as tradições sejam seguidas, inclusive nos momentos de lazer:

Aqui (se) segue...um pouco de tradição da cidade, que no caso é, no domingo, sair e dar voltas ao redor da praça. É uma coisa que a cidade pequena tem. Ficar parado olhando o movimento passar. (FC; M. de O., 24 anos, masculino, zona urbana)

Essa fala não revela propriamente uma opção do jovem, mas uma consequência das tradições e, mais importante, do fato de a cidade não oferecer opções de lazer como teatro, cinema, *shopping center*, comentário que soa como queixa na fala de muitos deles e que é razão para buscarem, em outras cidades, diferentes formas de distração:

Eu gostaria de viver em Caxias... Acho que desde pequena... uma vez eu fui na Festa da Uva lá e nossa! ... sempre gostei de Caxias, tanto pequena quanto adolescente, sempre quis

ir pra Caxias, mas minha mãe não deixava e, nossa... eu ia no cinema, ficava feliz, sempre gostei da cidade (C. S., 18 anos, feminino, zona urbana)

Deslocar-se a outras localidades, dessa forma, parece fazer parte de ser jovem na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul, inclusive para cursar faculdade, mas em um roteiro de ida e volta: o jovem realiza práticas fora da comunidade, mas retorna a ela. Em termos linguísticos, tem contato com outros padrões de fala e pode, nessa circunstância, sentir-se pressionado a evitar formas reveladoras de sua identidade local, como não palatalizar. É possível então que, buscando sintonia com a fala do outro, abra mão, momentaneamente, de marcas locais. Depois, esse mesmo jovem retorna à comunidade e lá, volta a orientar-se pela identidade e valores locais, embora não realize práticas sociais exatamente da mesma forma que os indivíduos mais velhos. Sobre sair da comunidade e retornar a ela e também sobre mudanças geracionais, observe-se a afirmação de outra jovem sobre trabalho:

A gurizada daqui não quer mais trabalhar na colônia. (...) Vão pra Caxias estudar. Todos fazem faculdade, a grande maioria. Aí, então, ninguém mais quer trabalhar na colônia como acontecia antigamente, as famílias eram numerosas, as pessoas ficavam na colônia e não estudavam, né. (...) Eu acho que mais pessoas continuam morando aqui e vão e voltam, do que se mudam. São poucos que se mudam. (FC; C. M., 23 anos, zona rural)

A jovem começa afirmando que a gurizada não quer mais trabalhar na terra, nas propriedades rurais, junto à família. A suposição imediata seria a de que os jovens da zona rural desejariam migrar para a cidade, mas não é o que vai na última afirmação da jovem, repetida a seguir: “Eu acho que mais pessoas continuam morando aqui e vão e voltam, do que se mudam. São poucos que se mudam”. É o tipo de trabalho que jovens de zona rural criticam: muito duro, segundo alguns. Mas não criticam o lugar onde moram, que não abandonam, se possível. É o que observamos em campo. Nas propriedades rurais onde se cultiva uva, por exemplo, setor bastante lucrativo para os pequenos proprietários da região – jovens que, na adolescência, planejam abandonar a zona rural afirmam ter se dado conta, alguns anos depois, de que a viticultura lhes daria um retorno financeiro interessante. E de fato trabalham na terra, acompanhando seus pais.

Sobre práticas linguísticas, em específico, são raras as afirmações a respeito nas entrevistas sociolinguísticas, como é de se esperar. Mas veja-se uma interessante, de uma jovem que falava sobre padrões familiares:

Assim: começa sempre pelos avós, então, a criação dos meus tios, né, era uma e veio vindo ... e a gente sempre pegava (...) o próprio falar: tu fala “erado”, e quem convive contigo que fala “erado” vai falar sempre “erado”. (FC; C. P., 18 anos, feminino, zona urbana)

A jovem tem ciência de que, ao falarmos, tendemos a reproduzir práticas linguísticas, algumas delas desprestigiadas fora da comunidade. Essa afirmação revela, em nosso entender, uma das motivações para os mais jovens, gradualmente, palatalizarem, embora a não-palatalização emergja com bastante naturalidade na fala de alguns.

Na antiga região, as práticas religiosas, quase exclusivamente católicas, têm relevo. Embora nas entrevistas sociolinguísticas esse tópico não tenha rendido uma boa conversa, temos observado o envolvimento de jovens em práticas religiosas, principalmente as festivas. Na celebração de *Corpus Christi* em Flores da Cunha, por exemplo, que envolve uma missa na igreja matriz e, em seguida, a procissão do Senhor Morto sobre tapetes de serragem, constatamos a presença de número significativo de jovens. Não pareciam estar lá forçados, pelo contrário, sua participação demonstrou-se fervorosa. Constatamos também que muitos tapetes haviam sido confeccionados por grupos de jovens – juventude católica, escoteiros, organizações antidrogas, grêmios desportivos.

Percebemos nos jovens os *jeans*, tênis, jaquetas, bonés e celulares que os acompanhariam a qualquer outro lugar do Rio Grande do Sul. Um pouco mais cuidados e “arrumadinhos”, é verdade, mas todos esses itens estavam lá no visual, numa demonstração de que a prática é local, mas os artefatos são supralocais.

Em termos de práticas social e cultural local, vemos no estudo etnográfico indícios de um hibridismo, em que aspectos tradicionais e inovadores convivem, em que mudanças linguísticas (entre outras) ocorrem, mesmo que lentamente, acompanhando mudanças sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa sociolinguística, a análise de redes e práticas sociais pode esclarecer o papel das ligações entre as pessoas, da maior ou menor coesão dos grupos, da pressão dos pares e das identidades locais na variação e mudança linguística.

A abordagem sobre as noções teóricas e a retomada de trabalhos sobre a palatalização variável de /t/ e /d/ no português do sul do Brasil, possibilitaram discutir, propor e ilustrar procedimentos metodológicos passíveis de emprego na análise da variação linguística e práticas sociais. Mostraram que o tratamento quantitativo fornece um importante diagnóstico das possíveis motivações para os processos variáveis. Mas é apenas dando um passo além do cálculo estatístico, ou seja, buscando interpretar os resultados através de microanálise, pela investigação de práticas diárias em comunidade e de sua coesão (em rede), que se pode saber o que está por trás desses números, em especial, sobre os sujeitos que falam.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E. Variação, mudança fônica e identidade: A implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Diadorim*. Rio de Janeiro: v. 8, p. 103-123, 2011.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A.A.; LUCAS, J.I.P.; BOVO, N.M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL*, v.5, n.9, agosto 2007. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 27 fev.2008.
- _____. Palatalização das oclusivas alveolares e a dimensão subjetiva da variação. *Caderno de Pesquisas em Linguística – Variação no Português Brasileiro*. Porto Alegre, v.3, n.1, 2007b.
- _____. *Dental stops palatalization a social practice*. Talk presented at SS17, Free University of Amsterdam, Amsterdam, 5 April 2008.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A.A.; LUCAS, J.I.P. A implementação da palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro: rede social e ideologia. In: *VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa*. ABRALIN - VI Congresso Internacional: ANAIS. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 1249-1258.
- BATTISTI, E.; GUZZO, N.B. Palatalização das oclusivas alveolares: O caso de Chapecó. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.) *Português no sul do Brasil: Variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p.114-140.
- BATTISTI, E.; LUCAS, J.I.P. Língua, redes e práticas sociais. In: BATTISTI, E.; CHAVES, F.G.L. (Orgs.) *Cultura Regional: Língua história, literatura 2*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p.113-131.
- BATTISTI, E. ; MARTINS, L.B. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): Mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL, Rio Grande do Sul*, v. 42, p. 146-158, 2011.
- BLAKE, R.; JOSEY, M. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, Cambridge, v.4, n. 32, p.451-485, 2003.
- BOAVENTURA NETTO, P. O. *Grafos: teoria, modelos, algoritmos*. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1996.
- BONNEWITZ, P. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. *Language Variation and Change*, Cambridge, 16 v, p.153-167, julho 2004.
- FRUCHTERMAN, T. M. J.; REINGOLD, E. Graph drawing by force-directed placement. *Software-Practice and Experience*, 21 v, n.11, p. 1129-1263, novembro 1991.
- GERHARDT, G. J. L.; CORSO, G.; LEMKE, N. *Network clustering coefficient approach for DNA sequences (pre-print)*, 2005.

- GIRON, L. S. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: DACANAL, J. H. (Org.). Rio Grande do Sul: imigração & colonização. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- KÜHN, F. Uma fronteira do Império: O sul da América portuguesa na primeira metade do século XVIII. *Anais de História de Além-Mar*, v.VIII, 2007. p.103-121.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford/Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.
- LI WEI. Network analysis. In: GOEBL, H.; NELDE, P.; ZDENEK, S.; WOELCK, W. (eds.). *Contact linguistics: a handbook of contemporary research*. Berlin: de Gruyter, 1996.
- MATHEWS, J. H. *Numerical methods for mathematics, science and engineering*. Prentice Hall, Englewood Cliffs, 1992.
- MENZ, M.M. *Entre impérios: Formação do Rio Grande na crise do sistema colonial português*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- _____. Social networks. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, p.549-572, 2002.
- MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: *Journal of Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 21, p.339-384, 1985.
- _____. Social networks and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 21, p.1-26, 1992.
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.
- OLIVEN, R.G. *A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SEYFERTH, G. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, G. de C.L. *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da UnB, p.81-100, 2000.
- WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.